



Vanessa Schnitzer

Aluna de Phd na Universidade de Évora
Export Manager na Quinta do Zambujeiro

AVINHANDO

DE BRAÇO DADO COM O TEJO

Caros Leitores, perdoem-me a ousadia de não vos brindar com a habitual escrita Dionísia, mas motivada por um imperativo de consciência não fui capaz de deixar de partilhar convosco, “ embebida “ do sentido de dever de responsabilidade cívica.

No passado dia 15 de Fevereiro tive a oportunidade de participar numa excelente iniciativa organizada pela camara municipal de Nisa: “Caminhos de Nisa ao encontro do Património “ o melhor dos 2 percursos”. Uma iniciativa que contou com a adesão de mais de 90 pessoas, não só oriundas do Alentejo e Beira Baixa, como de locais mais longínquos, como Aqualva-Cacém; atraídas pelas várias riquezas patrimoniais desta pacata e alva vila do alto Alentejo .

Esta acção teve como anfitrião, o Sr. Vice Presidente de Câmara que alertou os visitantes para os vários atributos da região: físicos, ambientais e socioculturais, que no seu conjunto ou individualmente, constituem os elementos de atração que o visitante valoriza e procura. Uma iniciativa que faz parte de uma estratégia de marketing territorial para o concelho, que procura não só, reforçar a identidade da região, como dinamizar a actividade económica, incentivando a criação de novos negócios, que servem como meios de combate ao despovoamento do interior

Eis, a meu ver, um bom exemplo que deveria ser amplamente generalizado pelo Alentejo. É que, não existe só um Alentejo, existem vários, com agendas muito distintas, o que não tem muita lógica quando os elementos caracterizadores das potencialidades alentejanas são as mesmas: paisagem, montes, vinho, gastronomia, sol, férias, quintas, fins-de-semana.

Em Nisa, existem 100 km de percursos, que estão devidamente identificados e sinalizados, que poderão ser descarregados no site da camara municipal. O Tejo galga este território em mais de 93 quilómetros, que poderão ser vividos a pé, que é o melhor meio de transporte para conhecer o rio e os seus encantos, já que chega a locais que nenhuma vivalma motorizada ousou descer.

O percurso pedestre realizado no passado sábado, foi desenhado a partir de outros 2 percursos: Trilhos do Conhal (PR4) e o Trilho da Mina de Ouro do Conhal (PR9) com o objetivo de combinar o melhor de ambos os percursos.

Este roteiro desenrola-se pelas margens do Tejo e pela Serra de São Miguel, quase sempre com o Monumento Natural das Portas de Rodão no horizonte. Todo o percurso é envolvido por uma paisagem deslumbrante e ondula com campos lavrados, um horizonte azul e limpo, e rebanhos de ovelhas a pintar a paisagem, em labuta ruminante que acabará por dar nos afamados queijos da região.

Depois de enfrentar uma dura subida, alcançamos finalmente o alto de uma das maravilhas naturais de Portugal - Portas de Rodão, e adquirimos o bilhete para o primeiro balcão do espectáculo geológico. A vista do alto é resplandecente e infindável, somente entrecortada pelo voo silencioso dos imponentes grifos que habitam as escarpas da Serra de S. Miguel.

Depois de saborear este incrível espectáculo, era hora de nos despedirmos do rio e rumar ao Arneiro para o almoço. E, para deleite dos bem-aventurados caminheiros, os respectivos paladares foram abençoados com maravilhas impensáveis, oriundas dos rios: peixe do rio frito com migas de peixe. Estava soberbo! Ecoavam suspiros de prazer por toda a sala, quando fui interpelada pelo Sr. João, o portador dos pitéus: “ sabe qual o segredo menina?” “venha, venha!”- e fui ao encontro de duas formosas senhoras de 90 anos que escondem os segredos e arte de manobrar o leme da cozinha há mais de 50 anos. Fiquei sem palavras! E, depois de alimentar o corpo foi a vez de alimentar a alma ao som das saias de Portalegre.

Por um instante o Universo parece combinado em eliminar da nossa vida tudo o que é desagradável e meramente agradável para nos abrir caminho ao sublime.

Como dizia o escritor Julio Camargo “A vida é uma viagem a três estações: acção, experiência e recordação”.

O Tejo galga este território em mais de 93 quilómetros, que poderão ser vividos a pé, que é o melhor meio de transporte para conhecer o rio e os seus encantos, já que chega a locais que nenhuma vivalma motorizada ousou descer.



ESTE MÊS DE FEVEREIRO CELEBRAMOS O PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DO JORNAL “A SUL”

**FOI UM ANO DE
EXPERIÊNCIAS,
ALTOS E BAIXOS
MAS TAMBÉM DE
APRENDIZAGEM.**

Quando comecei a estudar jornalismo, estava encantada. Lembro-me de ler uma das obras de Gay Talese, um dos pioneiros do jornalismo literário e de investigação dos anos 60, e ficar apaixonada.

Truman Capote, Tom Wolf, o Caso Water Gate.... eram todos uma grande inspiração para mim e ainda são.

Mas estou a falar de fantasmas, porque o jornalismo de hoje em nada se compara ao jornalismo que era feito nessa época. É difícil trabalharmos numa área pela qual deixámos de acreditar. (Claro que a maior culpa aqui é dos jornalistas...mas também é dos leitores).

Um dos grandes erros desta profissão é acreditar que tem que acompanhar os dias de hoje. Claro está que, estarmos nas redes sociais ou na internet é obrigatório...mas isto é uma adaptação e tal como todas as profissões devemos saber adaptar à realidade em que vivemos. Agora acompanhar? Está errado.

Ficámos híbridos. Damos ao público aquilo que ele quer ao invés de factos e realidade. O jornalismo de hoje é feito a partir de uma tela... tudo rápido, tudo fácil, tudo previsível. Procuramos informações através do “diz que disse” e referimos outros jornais ou pesquisas feitas online. O jornalismo do imediatismo ganhou terreno e, hoje, é a estrela das linhas que lemos nos nossos telemóveis e laptops.

Fazemos aquilo que o leitor gosta, aquilo em que mete like. O público gosta de pegar no telemóvel e dar uma “checada” nas notícias de forma rápida como se estivesse a cumprir algum objetivo. Querem ir do ponto A ao ponto B, muito rápido. Não querem pensar muito, apenas ficar com uma ideia daquilo que leram. Então os jornalistas escrevem títulos que, muitas vezes, não têm haver com os textos só para conseguir mais cliques e fazem textos pouco elaborados e básicos para o leitor não ter que pensar muito sobre o tema em questão.

Perder tempo é bom, é enriquecedor. É no silêncio daquilo que lemos que podemos entender aquilo que nos rodeia. Já não existe o espírito crítico, todas as conversas e notícias de hoje são debatidas como conversa de café. Ninguém pondera, pensa ou discute com bases sólidas. “Eu acho...” ao invés de “eu penso”... Mas esta profissão só sobrevive servindo aquilo que o leitor pede. Ele quer assunto de café, ele vai ter o que pede. É um jornalismo à la carte, onde todos pedem aquilo que querem. A culpa é dos dois: do jornalista (eu) e de todos vós que exigem notícias do imediato sem grandes detalhes e que não vos obriguem a pensar muito. É mais fácil seguir e ler uma MAGG e Nit, que são agências de publicidade vestidas de agências de comunicação do que ler uma artigo que vos obrigue a perder tempo para pensar.

Gay Talese, defende que “um bom trabalho leva muito tempo”. Ele escreveu uma série de livros com base em investigações que fazia em terreno, que demoravam anos a sair. Porquê? Porque em primeiro lugar, era uma pessoa bem formada e esperava que as pessoas envolvidas permitissem a sua publicação. Não publicava a correr para ter sucesso, era ponderado nos passos que dava. E em segundo lugar, porque um bom trabalho leva tempo e é preciso ter paciência. E hoje ninguém tem paciência.

Os sites têm que “bombar” notícias de minuto a

minuto, porque se não deixam de ser credíveis aos olhos de quem segue. As redes sociais igualmente... O jornalista perdeu as rédeas. Hoje quem se senta na carroça e comanda as rédeas são os leitores, o jornalista é o burrinho que vai para onde lhe pedem. “Aquele jornal tem mais seguidores e likes”, “aquele jornal está sempre a colocar notícias”, parece que estamos todos a competir pelos likes como se fossemos influencer’s de instagram.

Quando estive a estagiar no Expresso, lembro-me de fazer uma investigação científica com o meu editor Virgílio Azevedo. Estivemos dois meses a investigar uma cientista que punha bactérias a fabricar plástico biodegradável. Na altura, recordo-me que mal tinha tempo para fazer publicações no site, porque estava sempre no terreno. Quando estava na redação tinha que investigar sobre a matéria. E a dada altura, os meus colegas tinham todos terminado o estágio mas eu continuava de um lado para o outro. “Leonor desculpe lá, já devia estar de férias mas está quase”, dizia o meu editor.... Mais tarde saiu como capa de jornal a reportagem feita pelos dois. Demoramos dois meses a investigar e a trabalhar para uma página de jornal. Não foram duas, nem três mas sim uma. Mas o trabalho estava tão bom que teve destaque na primeira página. Por vezes, a qualidade é mais importante que a quantidade e é preciso saber ter paciência.

Recordo-me também de uma vez terem-me pedido que ligasse a todas as câmaras municipais do país para saber se iam fazer greve num dia específico. Eram centenas! Durante uma semana, fazia chamadas desde que entrava até à hora que saía (um dia inteiro). Era horrível porque havia atendedores de chamadas que dizia “para assuntos relacionados com X prima 1”, nunca mais saía dali... Resumindo, em todas as câmaras do país apenas cinco não me atenderam o telefone. Contudo, o artigo não foi para a frente porque não estava completo... Sem a resposta daquelas cinco câmaras já não fazia sentido. Passei-me completamente porque achei que foi uma perda de tempo. Mas se as coisas não estão completas e bem, então não vamos publicar só para encher chouriços.

O verdadeiro jornalismo demora tempo, não cede a pressões do leitor nem acompanha os dias de hoje.

Não queiram tudo para ontem a todo o minuto. Roma não foi construída em três dias e o A Sul também não é excepção. É difícil fazer um bom trabalho quando não nos dão tempo para isso. Sejam pacientes e exigentes convosco. Nada do que é bom, é fácil. Uma relação exige compromisso, lealdade, paciência (muita paciência) tempo e dedicação... Não podem exigir que um jornalista seja a pessoa perfeita, se vocês não dedicam um pouco do vosso tempo para o ler, compreender, e aceitar.

Existe todo um trabalho a ser feito por ambas as partes.

Vou vos poupar o suspense: Não vamos ser famosos, nem influencer’s, provavelmente nem vamos ter o dobro dos likes o vizinho tem, mas ao final do dia vamos dormir de consciência tranquila porque aquilo que fizemos, fizemos bem...E, oxalá, que daqui para a frente consigamos fazer um trabalho melhor, sem pressão do AGORA e ONTEM. Conto convosco para isso!